

Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências 2

Thaís Helena Ferreira Neto
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Thaís Helena Ferreira Neto
(Organizadora)

Comunicação e Jornalismo:
Conceitos e Tendências 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Thaís Helena Ferreira Neto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-027-8
DOI 10.22533/at.ed.278190901

1. Comunicação social. 2. Democratização da mídia.
3. Jornalismo. I. Ferreira Neto, Thaís Helena. II. Série.

CDD 303.4833

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências” volume 2 é composta por 24 artigos que abordam temas das mais diferentes nuances da Comunicação.

Os autores dos artigos tematizam conceitos e perspectivas do jornalismo, dando enfoque às discussões pertinentes e sempre presentes, envolvendo gênero, *agenda-setting*, comunicação governamental, ambiental, assessoria de imprensa, cinema, política, democratização da mídia e construção midiática.

Alguns artigos tratam o gênero como categoria de análise, tematizando a mulher dentro do jornalismo. Estudos de gênero que abordam a questão no âmbito da causa e da estrutura.

Em sua história, a mulher busca posições e visibilidade nas diferentes escalas da sociedade, provando através de suas ações e conquistas que merece um lugar nos diferentes cenários, sejam econômicos, políticos ou sociais. A relação da mulher com o espaço público e privado define a posição ocupada por ela na sociedade e marca sua identidade de gênero ao longo do tempo.

Thaís Helena Ferreira Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
A MULHER NO JORNALISMO DO INTERIOR: RIBEIRÃO PRETO E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (1950-1960)	
Nayara Kobori Aline Ferreira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.2781909011	
CAPÍTULO 2	20
A CONSTRUÇÃO MUDIÁTICA DAS VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO NO BRASIL: ASSASSINATOS DE MULHERES COMETIDOS POR SEUS PARCEIROS E EX-PARCEIROS	
Cláudia Regina Lemes Paulo Roxo Barja	
DOI 10.22533/at.ed.2781909012	
CAPÍTULO 3	31
A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO FEMININO NAS PROPAGANDAS DA CERVEJA ANTARCTICA: BAR DA BOA	
Wender Rodrigues de Siqueira Munique Cristina Modesto Carla Mendonça de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.2781909013	
CAPÍTULO 4	42
EMPODERAMENTO FEMININO NO RAP : DUAS LETRAS	
Cláudia Regina Lemes Paulo Roxo Barja	
DOI 10.22533/at.ed.2781909014	
CAPÍTULO 5	55
OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS SOBRE O USO DO CORPO NU FEMININO EM PERFORMANCES ATIVISTAS	
Márcia Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.2781909015	
CAPÍTULO 6	66
AS RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA – A ONG UNA.C E AS DEMANDAS DA SAÚDE	
Éllida Neiva Guedes Marcelo Pereira da Silva Protásio César dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2781909016	
CAPÍTULO 7	81
TRAGÉDIA EM MARIANA-MG EM VEJA E CARTACAPITAL: UM CONTRATO DE COMUNICAÇÃO	
Vinicius Suzigan Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.2781909017	

CAPÍTULO 8	94
ASSESSORIA DE IMPRENSA E REPORTAGEM DE TV, TUDO A VER? BREVES REFLEXÕES SOBRE PODER SIMBÓLICO, CAMPO JORNALÍSTICO, IDENTIDADES E AGENDAMENTO	
Boanerges Balbino Lopes Filho Iara Marques do Nascimento Raphael Silva Souza Oliveira Carvalho Cássia Vale Lara	
DOI 10.22533/at.ed.2781909018	
CAPÍTULO 9	106
CARACTERIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO IDOSA ACERCA DAS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE EM ILPIS DA CIDADE E REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE –PE	
Tamires Carolina Marques Fabrício Joseana Maria Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.2781909019	
CAPÍTULO 10	120
COMUNICAÇÃO EM AMBIENTES GOVERNAMENTAIS: TERMINOLOGIAS, FERRAMENTAS E AÇÕES	
Pedro Augusto Farnese de Lima Ademir Antônio Veroneze Júnior Boanerges Balbino Lopes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.27819090110	
CAPÍTULO 11	132
CONCEITO DE NOTÍCIA NA ERA DO JORNALISMO COLABORATIVO E COAUTORIA	
Adriele Cristina Rodrigues Lucia Helena Vendrusculo Possari	
DOI 10.22533/at.ed.27819090111	
CAPÍTULO 12	141
DO ACONTECIMENTO PÚBLICO AO ESPETÁCULO POLÍTICO-MIDIÁTICO: O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF	
Andressa Costa Prates Rejane de Oliveira Pozobon	
DOI 10.22533/at.ed.27819090112	
CAPÍTULO 13	152
O POLITICAMENTE (IN)CORRETO NO DISCURSO JORNALÍSTICO: IMAGINÁRIO, SUBJETIVIDADE E CONSUMO	
Nara Lya Cabral Scabin	
DOI 10.22533/at.ed.27819090113	
CAPÍTULO 14	164
O ÁLBUM DE FAMÍLIA E A IMAGEM SOCIAL	
Aline Silva Okumura	
DOI 10.22533/at.ed.27819090114	

CAPÍTULO 15	173
O DESIGNO DO PODER: UM ESTUDO DE CASO DA RÁDIO INTERNACIONAL VOZ DA AMÉRICA	
Patrícia Weber	
DOI 10.22533/at.ed.27819090115	
CAPÍTULO 16	186
O JORNALISMO INVESTIGATIVO E ÀS MUTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	
Leoní Serpa	
DOI 10.22533/at.ed.27819090116	
CAPÍTULO 17	207
O MERCADO DOS BENS SIMBÓLICOS NO SANTUÁRIO DE SANTA PAULINA	
Maria Neusa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.27819090117	
CAPÍTULO 18	219
A SEGUNDA TELA NO BRASIL: USOS E POSSIBILIDADES	
Gleice Bernardini	
Maria Cristina Gobbi	
DOI 10.22533/at.ed.27819090118	
CAPÍTULO 19	231
TELEVISÃO ABERTA, POLÍTICAS E DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA NO BRASIL	
Carlos Henrique Demarchi	
DOI 10.22533/at.ed.27819090119	
CAPÍTULO 20	242
CINEMA <i>NOIR</i> ITALIANO: O HEDONISMO E A <i>FEMME FATALE</i> EM <i>OSSESSIONE</i>	
Alexandre Rossato Augusti	
DOI 10.22533/at.ed.27819090120	
CAPÍTULO 21	258
O IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE A TEMÁTICA DO CRIME NO CINEMA <i>NOIR</i> E <i>NEONAIR</i>	
Nathalia Lopes da Silva	
Alexandre Rossato Augusti	
DOI 10.22533/at.ed.27819090121	
CAPÍTULO 22	273
PESQUISA EM FICÇÃO SERIADA: UMA PROPOSTA DE REVISÃO EPISTEMOLÓGICA BASEADA NAS PUBLICAÇÕES DA INTERCOM	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.27819090122	
CAPÍTULO 23	286
QUESTÕES DE AUTORIA, SUBALTERNIDADE E OUTRAMENTO NA MÚSICA BEIJINHO NO OMBRO	
Juliana Figueiró Ramiro	
Renata Santos de Morales	
DOI 10.22533/at.ed.27819090123	

CAPÍTULO 24	300
THE LAST REMAINING LIGHT: O SUICÍDIO DE CHRIS CORNELL ATRAVÉS DA ÓTICA DO FAIT DIVERS	
Arthur Freire Simões Pires	
Fábio Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.27819090124	
SOBRE A ORGANIZADORA	314

EMPODERAMENTO FEMININO NO *RAP*: DUAS LETRAS

Paulo Roxo Barja

Universidade do Vale do Paraíba
(UNIVAP), Instituto de Pesquisa &
Desenvolvimento (IP&D)
São José dos Campos - SP

Cláudia Regina Lemes

Secretaria Estadual da Educação do
Estado de São Paulo (SEEESP)
São Paulo - SP

RESUMO: A música popular, especialmente no Brasil, configura-se como uma forma de manifestação propícia à expressão de pontos de vista sobre diferentes aspectos da sociedade. Na periferia dos centros urbanos brasileiros, predominam entre os jovens dois estilos musicais que carregam em si dois discursos fundamentalmente opostos no que se refere às questões de gênero: o funk e do rap. No presente trabalho, conduzimos uma reflexão sobre o discurso de gênero nas letras do rap composto por mulheres na cena musical do Vale do Paraíba. Após pesquisa de letras de música interpretadas por rappers mulheres, foram selecionadas duas letras consideradas particularmente representativas para a realização de

uma análise que se propõe comparativa: cada rap foi contraposto a uma canção tradicional brasileira. Em nossa avaliação, observamos que as letras do rap feminino de fato contrapõem-se ao machismo ainda presente na sociedade e, por extensão, ainda difundido através de obras canônicas do cancionário popular brasileiro. As rappers desempenham assim um papel importante na região, e a presença deste rap em eventos culturais valeparaibanos permite a expressão feminista pela via da comunicação popular e alternativa, ganhando espaço nas ruas e também na internet.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; feminismo; letra; música; rap.

ABSTRACT: Popular music, especially in Brazil, is a form of manifestation conducive to the expression of points of view regarding different aspects of society. In the periphery of the Brazilian urban centers and among the youngsters, two musical styles predominate who carry within themselves two discourses fundamentally opposed about gender issues: the funk and the rap. In the present work, we conducted a reflection on the gender discourse in the rap lyrics

composed by women in the Paraíba Valley music scene. After researching lyrics interpreted by female rappers, two lyrics were considered to be particularly representative for a comparative analysis: each rap was contrasted with a traditional Brazilian song. In our evaluation, we observed that the lyrics of female rap actually confront male chauvinism that is still present in society and, by extension, is still diffused through canonical works of Brazilian popular music. Female rappers thus play an important role in the region, and the presence of this rap in cultural events allows popular and alternative communication of feminist expression, that gains space in the streets and also on the internet.

KEYWORDS: Communication; feminism; lyrics; music; rap music.

INTRODUÇÃO: RAP E FUNK

No clássico texto “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, Stuart Hall (2014) cita uma série de grandes avanços sociais ocorridos no que ele chama de *modernidade tardia* (período correspondente à segunda metade do século passado); trata-se, a bem dizer, de rupturas de discursos predominantes na sociedade até aquele momento. Nesse texto, Hall destaca o feminismo como movimento social impactante, capaz de politizar a própria formação identitária, a partir do reconhecimento das questões de gênero como políticas. Desde que despontou o feminismo, décadas já se passaram; no entanto, parece evidente que ainda hoje o movimento é não apenas atuante como necessário, haja vista a disparidade de tratamento persistente entre homens e mulheres em diferentes setores da sociedade. Além disso, é alarmante a frequência com que os meios de comunicação noticiam atos de violência cometidos especificamente contra mulheres – cuja expressão mais grave é o feminicídio (LEMES; BARJA, 2016).

Pela gravidade e relevância do tema, a violência contra a mulher (e as questões de gênero, de modo geral) no contexto brasileiro vem sendo objeto de estudo em diversos trabalhos acadêmicos. Um exemplo é a obra de Barros (2015), que estuda as relações de gênero tal como estas se manifestam numa forma típica de cultura oral/popular no Brasil: a literatura de cordel. Em seu livro, Barros analisa a produção textual recente neste campo de pesquisa, apresentando estatísticas que sustentam sua conclusão segundo a qual a assimetria nas relações de gênero acaba por se perpetuar através de discursos que configuram, nas palavras do autor, “bipolaridades tradicionais de gênero” (p.170).

Evidentemente, a questão não se coloca apenas no Brasil. Partindo de observações pessoais, mas também de uma aguda consciência de mundo, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2014) conseguiu obter repercussão mundial para sua exortação: sejamos *todos* feministas, para uma convivência mais harmoniosa e feliz. A autora refere-se ao fato de que muitas mulheres ainda se calam diante de diversas situações desfavoráveis, pois vivem num contexto em que “não podem dizer o que realmente pensam”. Neste contexto, torna-se essencial buscar canais alternativos de comunicação, bem como formas expressivas capazes de dar conta dessa necessidade

de externar o pensamento feminino (e feminista). Uma vez proferido, o discurso pode levar ao empoderamento quando encontra ressonância na sociedade. Assim, é preciso efetivar o discurso, mas isso não basta; é necessário também ecoar o discurso, para que atinja o maior número possível de receptores. Como conseguir isso?

Desde a primeira metade do século XX (com o surgimento e popularização do rádio), a música (e, especificamente, a canção) popular tem sido considerada uma poderosa forma de expressão social, recurso comunicacional com presença marcante nas diversas formas de veiculação midiática. Por seu caráter expressivo e de fácil propagação, é um importante canal de manifestação popular, propício à enunciação de pontos de vista a respeito de diferentes aspectos da sociedade. Neste contexto, nas regiões periféricas de centros urbanos brasileiros do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, há tempos manifesta-se a predominância de dois estilos musicais, que carregam em si dois discursos fundamentalmente opostos no que se refere às questões de gênero: o *funk* e o *rap*. Ironicamente, ambos apresentam origem comum, como veremos a seguir.

O rap, abreviatura de “rhythm and poetry” (ritmo e poesia), veio da Jamaica na década de (19)60 para se estabelecer e difundir na periferia novaiorquina dos anos (19)70. Sempre esteve associado à resistência cultural, à denúncia e ao protesto, constituindo uma forma artística adotada por majorias oprimidas, como os negros moradores da periferia e imersos assim num contexto de violência urbana. Como pontua Silva (2009):

Os rappers lutam contra a morte física, oriunda da violência. Violência esta que pode vir da polícia, do tráfico de drogas ou da criminalidade. (Os rappers) encontram-se nas periferias e nos subúrbios das cidades, principalmente nas favelas (SILVA, 2009, p.74/75).

Por outro lado, ainda segundo esta autora, o funk surge exatamente a partir do rap, como uma forma alternativa criada por negros norte-americanos na década de (19)70. Mesclando o rap à música eletrônica, o funk alcança grande sucesso no Brasil, notadamente nas favelas do Rio de Janeiro a partir dos anos (19)80. No entanto, ao longo do tempo o funk passa por uma crescente mercantilização, que inclui sua difusão na mídia televisiva e acaba por inverter seu sentido: se originalmente era contra a violência, o funk carioca passa progressivamente a difundir discursos de ostentação e até mesmo opressão contra a mulher, que passa a ser tratada como objeto nas letras e nos bailes funk.

Chega-se assim a uma situação em que o funk revela predomínio de uma postura machista em suas letras, enquanto o rap, ainda a salvo da distorção discursiva (talvez justamente por uma postura de maior independência em relação à indústria cultural), apresenta mais espaço para a presença de artistas mulheres entoando discursos de conscientização social e empoderamento feminino.

É nesse contexto que o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o discurso de gênero nas letras de rap produzidas e apresentadas por intérpretes femininas na

região do Vale do Paraíba paulista. Trata-se de um discurso que pode ser compreendido como reação ao machismo da sociedade brasileira e, em particular, das letras de funk, embora o “lirismo machista” apareça também em letras de canções tradicionais do cancionário popular brasileiro, tais como *Garota de Ipanema* e outras.

METODOLOGIA

A pesquisa partiu da coleta de letras de rap compostas e interpretadas por mulheres rappers da região de São José dos Campos. Após a coleta inicial, procedeu-se à seleção de letras consideradas significativas quanto à discussão de questões de gênero e (consequentemente) empoderamento feminino, sendo realizada em seguida uma análise crítica dos textos selecionados. Nesta etapa, optou-se pela realização de uma análise pareada, em que cada rap selecionado foi interpretado como “o outro lado do discurso” em relação a uma canção popular brasileira de vertente tradicional. Em particular, a letra do rap *Nossas Garotas*, de Preta Ary, foi analisada em contraposição a uma famosa obra citada pela autora no próprio rap: trata-se da bossa nova *Garota de Ipanema*, que tem letra de Vinícius de Moraes para música de Antônio Carlos Jobim.

LETRAS SELECIONADAS

Após a pesquisa inicial, optamos por ilustrar o discurso feminino a partir de duas letras de rap compostas e cantadas por componentes do grupo joseense D´Origem. As letras encontram-se transcritas a seguir.

PARE DE JUSTIFICAR (Meire D´Origem)

A culpa não é minha, pare de justificar,

Bêbado e agressivo, vem querer me culpar

Que eu olhei diferente, que o rango não tava quente,

Que já falou várias vezes e agora vai me educar.

Me encheu de soco e porrada, ainda chamou de vadia

Entre outras podridões e eu calada ouvia,

Gemia, orando em silêncio,

Para não te irritar e o fim voltar ao começo.

Mais tarde acordada eu olho pro espelho,

Com semblante carregado, não sei quem sou não me lembro
Já não me enxergo mais, já não me aceito mais,
Desejo a morte todo dia, pra ter um pouco de paz
E não foram poucas vezes que eu pensei em tirar
A vida que Deus me deu, e eu perdi por amar
E me pergunto o porque, onde errei e o que fiz
Quando eu olhei pra esse moço, eu pensei em ser feliz
Não tive pai que me amasse, nem conheci meu avô
Eu era muito inocente, e você me decifrou
Me abraçou fortemente e minha mão segurou
Mas com o tempo se esqueceu daquela jura de amor
Se transformou em carrasco e aqui hoje estou.
Tentando olhar pra frente e enxergar uma luz
Que me clareie o caminho, e me ajude com essa cruz
Mas só vejo escuridão, tô tentando me acalmar
Mas o relógio não engana, já você vai voltar
O coração acelera e eu volto a rezar
Escrevo este bilhete pra você não me culpar
Talvez agora acabe, meus olhos vão se fechar
Lamento grandemente, mas pequei por amar [...]

NOSSAS GAROTAS (Preta Ary)

Nossas garotas, as mais lindas, mais cheias de graça,
são mulheres e meninas em calçadas e praças
Corpos, suas oficinas, sua rotina não é fragrante,

seu caminho tem espinho e o sofrimento é incessante.

A alma limpa de amor, suja de ódio e rancor,

dignidade invisível escasso o autovalor

Identidade afanada, busca do tudo e o ter nada,

nada mais a ilumina, nem os sonhos de menina

Moça do corpo queimado, do sol do canavial,

o mais chocante é a consciência da sua sina trivial

Sua vida não é poema e não tem mais balançado,

o lado humano, pelo desumano foi arrancado

Sem infância e muito trabalho, a esperança é seu atalho,

para um futuro utópico, imaginário

Longe da realidade, da sua verdade,

imposta sem proposta e contra sua vontade

Garotas e mulheres, mulheres e meninas,

negra, branca, amarela, forte ou franzina

Bom seria se vocês pudessem saber

da felicidade sem por ela sofrer

Ver o mundo sorrindo, se enchendo de graça,

ficando mais lindo por causa do amor

sem provar da dor

Nossas garotas as mais lindas, assim diz o poema,

as garotas que eu digo não são de Ipanema

As garotas de Ipanema que o poema diz,

não as garotas que eu digo longe de ser feliz

E a realidade com a idade não combina,

qualquer moeda compra o corpinho da menina

Portuguesa, tailandesa, brasileira ou argentina,
ignoram a origem da feira feminina
Quer? Tem pra escolher, o estilo é só dizer,
aproveita que a amanhã o fornecedor pode ser você!
Ignorância voltada usada contra própria vida
enganada acreditando em histórias descabidas
Dinheiro, poder, o que quiser, fama,
mas com muito trabalho nos lençóis de uma cama.
Quem sabe um dia, se acabe a hipocrisia
e na vida da menina volte a ter mais fantasia.
É tudo que queria, no fundo não sabia
que a busca de um sonho era amarga e doía
O peso do que digo não é pra soar bonito,
mas é pra fazer pensar na qualidade do conflito,
É pra entender a profundidade do problema,
e que essas muitas vidas **não são parte de um poema.**

DISCUSSÃO

A constituição do sujeito feminino nas letras de rap encontra respaldo na base conceitual de Stuart Hall (no que se refere à identidade cultural marcadamente feminista) e de Luiz Tatit (que propõe uma análise multidimensional da canção popular, avaliando artista e obra). No entanto, qualquer debate (e o embate, aqui, é inevitável, além de necessário) deve levar em conta o histórico da música popular brasileira no que se refere a questões de gênero. Quando estas aparecem, muitas vezes o enfoque é declaradamente machista. Um exemplo frequentemente citado para retratar o pensamento predominante na primeira metade do século XX é *Ai Que Saudade da Amélia*:

AI QUE SAUDADE DA AMÉLIA

(Ataulfo Alves / Mário Lago)

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Nem vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, que se há de fazer

Amélia não tinha a menor vaidade

Amélia é que era mulher de verdade

Uma curiosidade: embora composta por uma dupla masculina, a inspiração para a letra da música teria sido fornecida por uma das grandes damas da canção naquela época, a cantora Aracy de Almeida, que costumava elogiar Amélia, sua faxineira (AGÊNCIA FOLHA, 2018). É certo que se deve levar em conta todo o contexto histórico: *Amélia* é uma composição de 1941, e muito mudou desde então. Mesmo assim, entendemos que o rap feminino brasileiro, e em particular o trabalho de artistas engajadas socialmente como as rappers do grupo D'Origem, deve ser avaliado não em contraposição a rappers masculinos e sim no contexto mais amplo da música popular brasileira em geral. Essa compreensão nasce da observação de que se trata de um discurso construído, na verdade, em contraposição a décadas inteiras de veiculação midiática de discursos masculinos (dentro e fora do âmbito musical). Discursos esses que chegam ao ponto de tentar apresentar justificativas para a violência contra a mulher e até mesmo para o feminicídio, como aquele descrito na canção caipira *Cabocla Tereza*, de Raul Torres e João Pacífico. Já no

recitativo introdutório desta canção, o ouvinte fica sabendo que uma cabocla havia sido encontrada no chão de uma casinha e que, ao seu lado, “um cabra tinha na mão uma arma alumiando”. A canção, a seguir, é uma narrativa em primeira pessoa em que o narrador é – por incrível que pareça – o próprio assassino.

O rap *Pare de Justificar*, transcrito na seção anterior, apresenta, décadas depois da morte da *Cabocla Tereza*, um discurso contundente também em primeira pessoa - agora, no entanto, quem fala é a mulher, vítima da violência cometida pelo próprio parceiro (como tantas vezes relatam as páginas policiais dos jornais). As duas canções, embora com enfoques opostos, concordam no que se refere às linhas gerais da história, tristemente comum: trata-se de um relacionamento que, após um início romântico e feliz, muda radicalmente com o tempo, com o homem transformando-se em agente agressor, até o desfecho (trágico) da história.

Passando ao segundo rap selecionado para o trabalho, a própria autora, na composição, dá a chave para o embate, marcando posição: “as garotas que eu digo **não são** de Ipanema”. Para permitir a análise comparativa, transcrevemos a seguir a letra de *Garota de Ipanema*:

GAROTA DE IPANEMA

(Antônio Carlos Jobim/Vinícius de Moraes)

Olha que coisa mais linda

Mais cheia de graça

É ela, menina

Que vem e que passa

Num doce balanço

Caminho do mar

Moça do corpo dourado

Do sol de Ipanema

O seu balançado

É mais que um poema

É a coisa mais linda

Que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho

Ah, por que tudo é tão triste

Ah, a beleza que existe

A beleza que não é só minha

Que também passa sozinha...

Ah, se ela soubesse

Que quando ela passa

O mundo sorrindo

Se enche de graça

E fica mais lindo

Por causa do amor

De fato, a justaposição das duas composições torna ainda mais impactante o rap de Preta Ary: as garotas lindas e cheias de graça, no rap, são “mulheres e meninas em calçadas e praças”. Deste modo, como a audição/leitura atenta dos versos permite depreender, *Nossas Garotas* é na verdade uma espécie de *rap denúncia*, que expressa a situação – dramática – de jovens em situação de prostituição. Em outro momento da letra, a moça do corpo dourado do sol de Ipanema (nos versos da dupla Jobim/Vinícius) é comparada à moça queimada pelo sol do canavial – onde o trabalho é duro, sem deixar espaço algum para a diversão pura e simples. Por fim, a noção romantizada de amor (idealizado, deixando o mundo lindo e sem dor) transmitida pela letra de Vinícius é contraposta à noção do amor profissional – um “amor” em que o homem deixa de ser parceiro para se tornar... cliente.

Nesta e em diversas outras letras das composições que cantam, as rappers do grupo D´Origem parecem não querer deixar dúvida alguma sobre o peso de seu discurso, de um ativismo declarado: “... não é pra soar bonito, mas é pra fazer pensar na qualidade do conflito – é pra entender a profundidade do problema”. Elas sabem que, expondo seus pontos de vista, podem ser condenadas por pessoas de mentalidade conservadora. Isso não as inibe, como afirmam em “Eu Não Paro“, outra de suas músicas: “Pro senhor e pra senhora que há tempos meu som condena, ‘cês vão ficar na mesma, não importa, sem problema” (D´ORIGEM, 2018).

Fato notável no que se refere à discussão de questões de gênero no rap brasileiro

é a presença de rappers mulheres na cena musical, o que se verifica já desde a segunda metade dos anos (19)80, como atesta o levantamento feito por Hebreu (2016). Nesse cenário, destaca-se pelo pioneirismo a cantora Sharylaine Sil, que em 2016 completou 30 anos de atividade artística (MANDRAKE, 2016). O trabalho de Sharylaine é descrito na cena hip hop como sendo voltado ao ativismo social e a questões de gênero, destacando-se a “valorização e fortalecimento da mulher e a inserção da mulher no rap e no hip hop feminino” (POLIFONIA PERIFÉRICA, 2016). No entanto, paradoxalmente, não são encontrados registros de suas letras na internet: quem se interessa em conhecer as composições precisa acessar o *YouTube* ou sítios que reproduzem vídeos da artista.

A presença feminina tem se mantido constante na cena rapper brasileira, como atestam os diversos sítios da internet que divulgam notícias relativas a apresentações das rappers mulheres; um destes intitula-se justamente “Mulheres no Hip-Hop” (www.mulheresnohiphop.com.br), apresentando agenda e programação de fóruns regionais de mulheres no hip hop. Também merece destaque o surgimento, em 2010, da Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop, destinada à promoção do trabalho das rappers, cujas composições em geral apresentam temáticas sociais, incluindo com frequência argumentos da luta contínua contra o preconceito racial e contra o machismo (REVOLUÇÃO RAP, 2016). Deste modo, é possível perceber uma ebulição criativa que nasce na periferia das grandes cidades, com forte e significativa presença feminina. Aqui, vale lembrar a observação de Hall (2001):

Dentro da cultura, as margens, embora continuem periféricas, nunca foram um espaço tão produtivo como o são hoje, o que não se dá simplesmente pela abertura dentro da dominante dos espaços que podem ser ocupados pelos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política e cultural. Isso é válido não somente com relação à raça, mas também diz respeito a outras etnicidades marginalizadas, assim como em torno do feminismo e das políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, que é resultado de um novo tipo de políticas culturais (HALL, 2001, p.150).

Meller (2015) parte da obra teórica de Affonso Romano de Sant’Anna e Luiz Tatit para afirmar que “objetivos estéticos e políticos caminharão lado a lado tanto nas escolas literárias quanto na música brasileira” (p.46). Por sua vez, Tatit (2007) complementa:

Os cancionistas - peritos na técnica de integrar melodia e letra - não se atêm a um pensamento propriamente musical. Sua habilidade, como já propusemos em trabalhos anteriores, está em converter os discursos orais, cuja sonoridade é por natureza instável, em canções estabilizadas do ponto de vista melódico e linguístico, de modo que o próprio autor e seus intérpretes-cantores possam reproduzi-las conservando a mesma integridade (TATIT, 2007, p.157).

Esta afirmação pode muito bem ser aplicada ao trabalho das rappers na urbanidade brasileira: vivendo num contexto de tensões sociais, e sujeitas a pressões machistas em diversas circunstâncias do dia-a-dia, elas tomam para si a missão de firmar, junto

à sua comunidade, um discurso de empoderamento feminino – um discurso que é registrado, legitimado e tem seu alcance ampliado pelas próprias batidas do rap.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada mostra que o discurso feminino no rap de fato atua em contraposição ao discurso machista ainda bastante presente em letras de música popular difundidas nas diversas mídias. Por sua vez, a presença deste rap feminino em eventos comunitários realizados em bairros periféricos de cidades como São José dos Campos vem mostrando força crescente no que se refere à expressão do discurso feminista pela via da comunicação popular e alternativa. Ainda que distante dos grandes veículos midiáticos (muitas vezes, inclusive, por opção dos rappers), essa manifestação do discurso feminista vai progressivamente ganhando espaço não apenas nas ruas, como também na internet, via *YouTube* e sequências de compartilhamentos nas diferentes redes sociais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AGÊNCIA FOLHA. **Morre Amélia, musa inspiradora da música de Ataulfo Alves e Mário Lago**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u15975.shtml>>. Acesso em 14/ago/2018.

BARROS, Miguel Pereira. **Relações de Gênero da Literatura de Cordel**. Curitiba: Appris, 2015.

D'ORIGEM. **Eu Não Paro**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/dorigem/eu-nao-paro.html>>. Acesso em 14/ago/2018.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Que “negro” é esse na cultura popular negra?** Lugar Comum n.13/14, p.147-159, 2001. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112410120245Que%20negro%20%C3%A9%20na%20cultura%20popular%20negra%20-%20Stuart%20hall.pdf>. Acesso em 29/nov/2016.

HEBREU, Anderson. **Sete mulheres do rap brasileiro que você precisa conhecer**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/7-mulheres-do-rap-brasileiro-que-voce-precisa-conhecer/>>. Acesso em 03/dez/2016.

LEMES, Cláudia R.; BARJA, Paulo R. Parceiros Violentos e a Construção Midiática das Vítimas Femininas. In: **Pensacom 2016 - De Volta Para o Futuro**, 2016, São Paulo. Anais - PENSACOM Brasil 2016. São Paulo: SESC/SBEIC, 2016. vol. 1. págs. 1–10. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/pensacom2016/textos/claudia-lemes-paulo-barja.pdf>>. Acesso em 13/ago/2018.

MANDRAKE. **Sharylaine, a pioneira do rap nacional, lança videoclipe**. Disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/sharylaine-a-pioneira-do-rap-nacional-lanca-videoclipe/>>. Acesso em 03/ago/2018.

MELLER, Lauro. **Poetas ou Cancionistas?** Curitiba: Appris, 2015.

POLIFONIA PERIFÉRICA. **Sharylaine - Rap de valorização e fortalecimento da mulher**. Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2014/03/sharylaine-rap-de-valorizacao-e-fortalecimento-da-mulher/>>. Acesso em 13/ago/2018.

REVOLUÇÃO RAP. **A frente nacional de mulheres no hip-hop**. Disponível em: <<http://revolucaorap.com/a-frente-nacional-de-mulheres-no-hip-hop/>>. Acesso em 04/dez/2016.

SILVA, Wilma Regina Alves da. **Tribos Urbanas, Você e Eu**: conversas com a juventude. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009 (Coleção espaço jovem).

TATIT, Luiz. **Todos Entoam**. São Paulo: Publifolha, 2007.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-027-8



9 788572 470278